

2

“A fit companion to a fail memory”

É na palavra escrita que há a garantia da imortalidade...¹

O que leva a se escrever um diário, a disciplinadamente se anotar dia após dia os acontecimentos do dia que acabou?

O que move um homem ou uma mulher a se despir a cada noite de suas angústias, de seus sentimentos mais íntimos?

O que garante que o autor busca uma interlocução consigo mesmo, através do diário, como se este materializasse uma meditação escrita, profunda ou superficial, uma verdadeira catarse, traço, vestígio, evidência do que marcou o autor a ponto de levá-lo a registrar?

Seria o diário um refúgio no papel para aqueles que não podiam nem queriam recorrer ao padre confessor da Igreja Católica?

Evaldo Cabral de Mello² chama atenção para este fato. George Gusdorf³ dá esta mesma explicação servindo-se de textos autobiográficos produzidos em países católicos e protestantes. Enquanto a consciência poderia ser aplacada pela intermediação do confessor, através da palavra e da penitência da Igreja Católica, para os demais restavam as escritas de si para ajudar a drenar as angústias e incertezas. Gilberto Freyre⁴ comparara essa diferença de comportamento, em relação a fazer ou não diários, na sociedade escravocrata sulista norte-americana e na brasileira no decorrer do século XIX.

A solidão, o processo de individualização, o auto-exame de consciência, a vontade de deixar um retrato posado para fazer face à impermanência; qual desses motivos ou quantos deles levam à elaboração de um diário?

¹ Transcrito do diário de Joaquim de Sampaio Ferraz, v. 9.

² MELLO, E. C., *Fim das casas-grandes*. In: ALENCASTRO, L.F.(Org.), *A história da vida privada no Brasil*, v. 2, p. 386.

³ GUSDORF, G., *Les ecritures de moi*, p. 62.

⁴ FREYRE, G., *Casa-grande & senzala*, p. LXVI.

Só uma vida metódica, rotineira, introspectiva, somada à vaidade, à preocupação com a leitura que será feita de si após a sua morte, justificaria tal prática.

A escrita auto-referencial ou escrita de si, segundo Ângela de Castro Gomes, integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. “Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos⁵”.

A escrita de si, a escolha do olhar para si mesmo como tema principal de uma elaboração discursiva, como um diário, leva a reflexões e considerações.

Philippe Levillan⁶ (1988) considera o interesse despertado pelos diários, bem como pelas autobiografias, um dos fatores que muito contribuíram para a valorização do gênero biográfico, tanto quanto a própria historiografia, tal qual ela se verifica a partir dos anos 80.

Segundo Alain Courbin⁷ (1991), “o diário é, para começar, e talvez acima de tudo, uma prática”, um exercício íntimo de vivências mais significativas; Courbin pressupõe que seja a versão do diarista sobre os acontecimentos de sua época.

José Vieira Couto Magalhães⁸ (1837-1898) deixou em seu *Diário Íntimo*, escrito durante alguns anos de sua vida, provavelmente entre 1880 e 1881, em Londres, e entre 1886 e 1887, em São Paulo, alguns subsídios importantes para a valorização do estudo dos diários.

Maria Helena Machado, em uma edição de 1998, chama atenção para o fato de ser o diário um tipo de documento praticamente inexistente, ou ao menos muito raro, na História do Brasil.

⁵ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 10.

⁶ LEVILLAN, P., *Les protagonistes de la biographe*. In: Rémond, R. *Pour une histoire*.

⁷ COURBIN, A., *O segredo do indivíduo*. In: PERROT, M (Org.), *História da vida privada. Da revolução francesa à primeira guerra*.

⁸ MAGALHÃES, J. V. C., *Diário íntimo*.

Refiro-me ao diário pessoal e íntimo que, contrariamente à popularidade alcançada pelo gênero na Europa Ocidental e nos Estados Unidos no século XIX, sempre escassearam em nossa sociedade. Pouco afeita às letras em geral, e menos ainda à valorização do registro pessoal e de reflexão íntima, foi apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise, que a sociedade brasileira viu vulgarizar-se a escrita do diário enquanto gênero, o que por si só justificaria a transcrição, anotação e divulgação do diário de um indivíduo da segunda metade do século XIX⁹.

Couto de Magalhães foi contemporâneo de Joaquim de Sampaio Ferraz. Embora com trajetórias de vida muito diferentes, seus diários possuem pontos de aproximação, sendo bastante significativo o fato de ambos terem vivido na Inglaterra praticamente no mesmo período. Poderiam ter sido influenciados em sua permanência no exterior por um hábito que se expandia lá; poderiam ter sido tocados pela solidão e pela distância da casa. Foram durante um certo período, estrangeiros. Puderam assimilar língua, cultura, hábitos e costumes estranhos à realidade brasileira em que viveram. Estrangeiraram-se.

No caso de Joaquim de Sampaio Ferraz ficariam traços indeléveis ligados ao planejamento da vida cotidiana e um rigor extremo com a pontualidade.

Segundo Maria Helena Machado todo entendimento da vida era encontrado nos livros e no conhecimento racional. “Há pouco espaço, senão nenhum, para o acaso e para o mundo da fé¹⁰”. São homens que pertenceram a um tipo de elite intelectual específico: a elite intelectual do espírito, aristocracia do conhecimento sem nenhuma identificação com as respostas dadas pela fé.

O que contou para esses aristocratas do espírito foram respostas racionais às suas indagações existenciais.

No caso de Joaquim de Sampaio Ferraz houve sempre um interesse pela história das religiões, como atestava sua biblioteca com muitos títulos sobre o assunto. Na sua mocidade faz referências a Deus em seus diários, mas, adulto, nunca comungou com nenhuma delas.

⁹ MACHADO, M.H. P. T., *Diário Íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, apresentação.

¹⁰ FIGUEIREDO, B.G., *Memorialistas e as idéias de civilização no Brasil: Diário íntimo e minha vida de menina*. In: *Congresso Luso-brasileiro Brasil/Portugal: memórias e imaginários*, v. 1, p. 21.

Segundo Maria Helena Machado o autor de diários em geral é:

Escritor compulsivo e minucioso no dia-a-dia, metódico nos apontamentos pessoais, a respeito de sua contabilidade, atividades sexuais, doenças e incômodos. Couto de Magalhães procurava esclarecer, com a crônica do cotidiano a análise acurada dos fatos diários, um mecanismo de compreensão e de controle de sua vida pessoal ¹¹.

Nesta medida, há enorme aproximação com Joaquim de Sampaio Ferraz, extremamente metódico, procurando sempre domesticar o tempo, vencer seus imprevistos e ansiedades.

Ambos se preocupam em detalhar suas economias: Couto de Magalhães é um homem rico e aos 40 anos faz as seguintes reflexões:

Tomando a vida humana pela medida dada por Moisés, isto é, três vintenas de dez, a saber, setenta anos, temos: eu não considero ter vivido os treze primeiros anos da minha vida; não considero igualmente que se viva depois dos 65 anos; por conseguinte tenho vivido trinta anos e restam-me a viver 27, se eu chegar aos setenta; deduzindo destes os cinco, restam líquidos 22, que a 24 contos por ano custarão 480 contos. Ora, o capital dinheiro que possuo hoje dá para muito mais e, portanto, o que falta é o tempo e não o dinheiro.

É um prognóstico sobre sua vida e de seus recursos financeiros baseado em cálculos matemáticos.

Joaquim de Sampaio Ferraz foi um homem que lutou com os problemas de dinheiro a vida toda. Filho de mãe rica e pai remediado vai passar a vida buscando solução para atender as necessidades da família grande que constituiu. Funcionário público e, depois da aposentadoria, prestador de serviços da LIGTH, procurou através de orçamentos apertados, que são transcritos no diário, sobreviver modestamente.

O outro ponto de aproximação dos diários deixados pelos dois é a preocupação com os assuntos ligados à saúde e aos diagnósticos e tratamentos. Ambos são minuciosos na descrição pormenorizada dos sintomas.

Couto de Magalhães transcreve, no período em que morou em Londres, ocasião em que, buscando o financiamento para a estrada de ferro Minas and Rio Railway Ltd, os sintomas que detecta em seu organismo, assim como remédios de que faz uso e dietas que ele mesmo prescreve. Refere-se a autores clássicos no trato da saúde e faz considerações e observações sobre os resultados obtidos.

¹¹ MACHADO, M.H. P. T., *Diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, p. 22.

Joaquim de Sampaio Ferraz analisa os diagnósticos feitos pelos médicos, chamados com frequência para atender a toda a sua família. Tece considerações sobre erros e acertos, e anota comentários nas prescrições médicas arquivadas. Em alguma delas chega a escrever em vermelho: *inservível*. Em ambos há preocupação constante com o sistema nervoso. Couto de Magalhães chega a fazer um diário dos sonhos onde descreve os mesmos por um determinado período enquanto está em Londres ¹².

Para Sampaio Ferraz, o diário é o relato sistemático e cuidadoso das ocorrências do cotidiano, uma tentativa prolongada de controle do tempo.

2.1

Um companheiro adequado para uma memória fraca

A fit companion to a fail memory, seria um bom motivo para se escrever 32 volumes de um diário que atravessou 66 anos com pequenas interrupções?

Um companheiro adequado para uma memória fraca, mas capaz de organizar a vida sob três formas de documentação, todas com nexos e entrelaçamentos controlados.

- O diário registrou a vida cotidiana, o ir e vir da família, os acontecimentos privados e indexou as referências com o arquivo de documentos da vida profissional.
- O arquivo guardou correspondências do trabalho, escrituras, registros ligados à vida pública.
- A hemeroteca, construída da leitura e recorte diários de dois ou três periódicos, guardou de forma sistemática e organizada os assuntos de seu interesse.

Dessas três formas de registrar a vida, os acontecimentos, sobrou o diário, escrito na certeza de que seria lido e que, mais *que um companheiro adequado para uma memória fraca*, seria uma fonte de informações que o autor privilegiou, selecionou, elegeu, omitiu ou mesmo censurou fazendo desaparecer partes, no

¹² “Estar tranqüilo a respeito do futuro é uma questão que depende mais do estado dos nervos do que de qualquer outra coisa”. MACHADO, M.H. P. T., *Diário Intimo de José Vieira Couto de Magalhães*, p. 69.

momento de uma arrumação final. Ele foi, na verdade, um editor desta escrita fracionada que expressava uma trajetória de vida e a construção de um personagem, o dono dos diários.

As três formas foram utilizadas por Joaquim de Sampaio Ferraz na construção de sua memória individual.

Segundo Ângela de Castro Gomes:

No que se refere à memória [com desdobramentos para a história], passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual “comum” e não apenas de grupo social/nacional ou de “grande” homem (político, militar, religioso). Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da acertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falsa (muito pelo contrário) uma “unidade do eu” de uma identidade¹³.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz é, sem dúvida, uma representação do seu autor e do mundo e oferece mais de seis mil páginas da trajetória de uma vida inteira. As transformações sensíveis do autor/sujeito, verificáveis pela mudança na caligrafia, no ritmo e regularidade com que escreve, nos temas que privilegia, no aumento da angústia e do desalento, é fonte rica para a análise do indivíduo múltiplo e mutante, que luta em ordenar o tempo e construir sua própria identidade. O diário mostra uma escrita fracionada que vai se modificando com a vida.

2.2

Livro de assentos?

Outra forma de definir a origem do diário, objeto de nossa análise, seria ver nele a intenção do autor em elaborar *um livro de assentos*. Evaldo Cabral de Mello identificou como livros de assentos:

Pequenos cadernos em que o chefe de família anotava os principais acontecimentos da história doméstica (casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos) no propósito eminentemente prático de dispor da correspondente informação em face da precariedade dos registros¹⁴.

¹³ GOMES, A. C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 12-13.

¹⁴ MELLO, E. C., *Fim das casas-grandes*. In: ALENCASTRO, L.F. (Org.), *A história da vida privada no Brasil*, v. 2, p. 387.

Mais do que um livro de assentos, o diário valorizou o papel da família do autor, definindo as redes de convivência e solidariedade tecidas ao seu redor. Ele se preocupou em anotar nascimentos, mortes, casamentos, chegando a fazer quadros com todos os dados acima referidos, mas não só (figura 2). Anotou as providências tomadas na busca de um emprego, cartas para amigos do pai e do sogro, ambos com projeção política ou financeira, dispondo de rede de conhecimentos e relações sociais capazes de ajudá-lo nesse momento difícil de 1907 em que, recém casado, teve que enfrentar o sustento da família, que começava rapidamente a crescer.

Falecimento de Maria 15 Jan^o 1951; de Maria meu irmão
Aniversário em 22 Dez^o 1953. Idade em
Em 1944 -

| | | | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---------------|---------------|-----------------------------|------------|
| Joaquim | 28 de Nov. 1882 | | | | 62 anos |
| Rula | 5 de Dez. 1885 | Jm | Paula | | 59 " |
| Helena | 24 de Dez. 1905 | 23 | 20 | | 39 " |
| Melissa | 22 de Março 1907 | 25 | 22 | | 37 " |
| Albert | 24 de Aprest. 1908 | 26 | 23 | | 36 " |
| Maria Luiza | 6 de Dez^o 1909 | 27 | 24 | terça | 35 " |
| Nayde | 19 de out. 1911 | 29 | 26 | | 33 " |
| Maria | 21 de Dez. 1916 | 34 | 31 | | 28 " |
| Carmen | 14 de Junho 1919 | 37 | 34 | | 25 " |
| <hr/> | | | | | |
| Liliana | 16 de Nov. 1929 | 47 | 44 | | 15 anos |
| Henrique (ap. h. t.) | 18 de Maio 1930 | 48 | 45 | | 14 " |
| Berço | 16 de Nov. 1931 | 49 | 46 | | 13 " |
| Ju. Hermes | 15 de Junho 1933 | 51 | 48 | | 11 " |
| Solange | * 16 de Set. 1940 | 58 | 55 | | 4 " |
| Nelson | 24 de Nov. 1942 | 69 | 57 | | 2 " |
| Vera | 14 de Março 1943 | 60 | 58 | | 1 ano |
| George | 6 de Junho 1943 | 60 | 58 | | 1 ano |
| <u>Cândida (ap. h. t.)</u> | 6 de Dezembro 1944 | 62 | 59 | | |
| Enrique Raiz | 9 de Junho 1898 | | | | 46 anos |
| Enrique Raiz | 23 de Maio 1900 | | | falecido em 14 set. 1954 | 44 " |
| Henrique Bastos Dill | 10 de Junho 1904 | | | | 40 " |
| Dora | 22 Abril. 30 de out. 1908? | | | idade desconhecida | 36 " |
| Amélia | 1 de Maio 1910 | | | falecida em 3 Jan. 1959 | 25 .. |
| Enrique | 6 de Outubro 1955 | | 72 | 70 | |
| Henrique Bastos Neto | 6 de Outubro 1955 | | 62 | 60 | |
| Maria Luiza | * 16 de Setembro 1945 | | | | |
| Otto Schöndorfer | 29 de Abril 1917 | | | | |
| Isela (3 ^o filho) Branca | 20 de Setembro 1920 | | 72 | 70 | 26 em 1946 |
| Alberto | | | | | |
| Octavio (da Liliana) | 8 de Março 1950 | | 67 | 65 | |
| o primeiro filho | 4 de Maio 1954 | | 71 | 69 | |
| Alberto o segundo filho (da Liliana) | | | | | |

Figura 2 – contracapa do diário de 1944 escrito como livro de assentos

Ele relaciona as cartas de apresentação, feitas na busca de uma colocação profissional. As anotações sistematicamente organizadas lembram as de um livro de assento onde ficam evidenciadas as redes de sociabilidade ligadas ao pai e ao sogro.

De Dr. Raul para Dr. José Maria Rodrigues Pereira; de Sr. Cavallero para Manoel Coelho de Souza, despachante Geral da Port. of Pará; do Sr. Guimarães ao Dr. Chermont do Loyd Brasileiro; do primo Domingos Sampaio ao Senador Antonio Lemos e ao Dr. Edgar Gordilho; do Sr. Francisco Campos ao Dr. Cypriano Santos, diretor do jornal Folha do Norte.

Na trajetória do cotidiano, essas redes foram tecidas e ajudaram a definir os acontecimentos e, mais do que isto, elas ajudaram a definir o sujeito e suas circunstâncias.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz teve a função de testemunho ritualístico; como um livro de família, mais do que *um livro de assentos*, ele procurou documentar a vida de um chefe de família, seus compromissos e envolvimento com todos os seus membros.

Como os patriarcas do seu tempo, ele nutriu um desejo, uma obstinação, de agregar os seus em torno de sua casa, por mais modesta que fosse.

A casa não é um espaço arquitetônico, é mais do que isto – é um conceito. Segundo Agnes Heller, a casa é um ponto fixo no espaço, um ponto de onde partir e para onde voltar sempre. A casa não é simplesmente o edifício, a moradia da família; onde os membros se encontram e ou buscam notícias ou referências dos demais. “Ir a casa significa mover-se en la dirección de un punto fijo en el espacio donde nos esperan cosas conocidas, habituales, la seguridad y una fuerte dosis de sentimiento¹⁵”.

O diário reflete esta movimentação permanente em torno do casal. Todos passam, nem que por minutos, para visitá-los. Quando não, telefonam dando notícias que são multiplicadas para os demais. Assim ele ampliou as funções do livro de assento, registrando as datas marcantes, como batizados e casamentos, mortes, as notícias de doenças, viagens, separações, crises de filhos, filhas e membros dessa comunidade solidária.

¹⁵ Ir a casa significa mover-se na direção de um ponto fixo no espaço onde nos esperam coisas conhecidas, habituais, a segurança e uma forte dose de sentimento (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*, p. 635.

Mais do que um testemunho minucioso da vida da família, foi um controle da dinâmica da mesma. Tudo foi devidamente registrado: doenças e seus tratamentos, não apenas do autor, mas também dos filhos e netos; Comentários sobre as medicações, médicos e seus diagnósticos; participação de Sampaio Ferraz não apenas opinando, mas também aplicando injeções, avaliando a eficácia e a propriedade dos remédios receitados.

A preocupação com a família, o alto grau de comprometimento é uma prioridade sua, mas não particular. Evaldo Cabral de Mello¹⁶ exemplifica tal “obsessão” com o caso do senhor de engenhos e político dos últimos anos do Império e primeiro decênio da República, João Joaquim da Cunha Rego Barros, de quem João Alfredo era genro. Para estes homens e tantos outros de sua geração, é dever do chefe de família velar pela sua união e manter estritos os vínculos de solidariedade e convivência.

2.3

O diário como forma de controle

O diário é um instrumento de controle, controle do tempo e, sobretudo, controle da vida.

Do grupo familiar espera-se que consulte o chefe de família como a um oráculo, e de sua autoridade e sabedoria, emanam ou deveriam emanar todas as decisões, não apenas em matéria de saúde e doença, mas de educação dos filhos e netos, área em que a sua palavra deve ter o valor de verdade inquestionável.

Como se não bastasse a atitude, fica o diário como documentação disponível para o futuro, onde está evidenciada, através de seus relatos, sua atitude severa e rigorosa com a família, disfarçada num tratamento de *você*, bastante próximo e cordial.

Não se pede a benção, como no costume da maioria das famílias de sua época. Não se dá o tratamento de senhor, considerado então o mais adequado, mas se identifica a autoridade inquestionável do chefe da família, e não por razões de domínio econômico, pois os filhos e filhas chegaram a ter condições de vida e de conforto doméstico muito superior aos pais, que sempre moraram na própria

¹⁶ MELLO, E. C., *O fim das casas grandes*. In: ALENCASTRO, L. F. (Org.), *História da vida privada*.

repartição (espaço do trabalho adaptado para residência), ou em casas alugadas, modestas e algumas vezes já mobiliadas.

O diário é esclarecedor não apenas pelo que narra, mas pelo que cala. Há um tom ressentido quando por algum motivo ele não é ouvido e acatado nas suas opiniões. Incidentes atestam o grau de intervenção e a inconformidade com a recusa dos filhos em acatar os conselhos:

A Emita que nunca se mostrou verdadeiramente interessada no emagrecimento do Mário, fez pouco desses conselhos embora mais pela atitude que por palavras, e acabou irritando-me. Por fim ela disse que melhor de tudo seria procurar um médico. Eu lhe retruquei, já bem agastado, que, em primeiro lugar se devia andar certo, revendo tudo que estivesse errado. Se isto não lograsse uma melhora, então que procurasse o médico. Não concordou. Disse-lhe que contra o meu interesse material e o do coração no tocante a saída do atual apartamento. Em outro mais afastado, ele não me prestaria mais os favores diários de encomendas, cartas etc., além de perdê-lo de vista. Enfim, a menina irritou-me [a nora tinha então 22 anos] repito menos por palavras que pela resistência passiva evidentíssima, e certa teimosia em questões sobre as quais não deveria dar opinião, por ser criança e ignorante. Fiz ver-lhe a pureza da intenção de meus conselhos, que se não comparava com o seu próprio, mas visando a sua pessoa e a sua família. Deixou-nos choramingando. Não gostou, de certo, de minhas palavras frias, amargas e enérgicas. Mas também não viu atrás delas o coração de pai, receoso, muito receoso do caminho pelo qual vai seguindo a saúde do filho.

Quem me ler mais tarde, estranhará que eu perca tempo escrevendo essas coisas. Estas últimas páginas correm exclusivamente por conta da saúde do Mario. O mais aprendi a não ligar...

E quando se luta pelo Bem, se o modo é forte, esconde a intenção para só ver o modo. Na vida o mal conformado prepondera, e para este o modo é tudo. Pois ele vence! Mas vence justamente porque na sua ótica a intenção se esconde e o modo é para se ver, e para convenção. É inútil resistir à corrente¹⁷.

Este incidente não é o único descrito, mas é bastante significativo e dá a medida do interesse, mas também do controle sobre os filhos que procuraram morar por perto, no mesmo bairro, e freqüentavam sua casa quase que diariamente. A nora de 22 anos é vista como uma criança ignorante que não devia externar sua opinião ou sequer tê-la. Ele era o homem culto, de sólida formação, com muita leitura e viagens, daí o peso de suas opiniões.

Do patriarca emana toda sabedoria, e neste caso, saber. A sua autoridade é um desdobramento da sua estatura moral, severa, *impoluta* como ele mesmo

¹⁷ Anotações feitas no diário de 11 de janeiro de 1941.

chamou; daí decorre a anotação feita no alto da página e em vermelho: “Importante”.

Apesar do valor que dava ao conhecimento, ele jamais esteve preocupado com a instrução superior para os filhos, que nunca tiveram oportunidade; os homens foram trabalhar na firma dos parentes ricos: os Rocha Miranda, antes de completarem 18 anos, as moças casaram cedo, com exceção de Helena, a filha mais velha. Tanto ela como Haydée, que ficou viúva aos 19 anos, trabalharam fora. Helena, como secretária da representação da United Artists, Haydée na Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Há aqui e em muitas outras ocasiões um discurso moral, normas de conduta ética, registro proposital de sua maneira de pensar e de suas intenções. O controle é visto como uma forma de amar, de se interessar *pelo bem do outro*, mesmo que gere tensões e desentendimento. O enfoque sobre a luta existente entre o modo e o objetivo parece ter sido uma preocupação constante, retomado em muitos momentos e servindo para justificar muitas atitudes severas e mesmo ríspidas.

Ele se considerava um homem liberal e expressava essa liberalidade aceitando desquite, separação, novo casamento, união e, até mesmo, interesses fora do casamento, quando se tratava dos filhos.

Na política, foi sempre conservador, simpatizante do integralismo, tomou o lado dos alemães no início da Segunda Guerra Mundial.

Anotou no diário de 27 de maio de 1940:

A Segunda Grande Guerra – consequência da primeira, e que eu antecipara, quando dissera que algum dia o espírito alemão ressurgiria para novo ajuste de contas – ganhou este mês de maio aspectos terríveis. Em setembro de 1939 a Alemanha conquistou a Polônia, em abril 1940, conquistou a Noruega, e agora, em menos de um mês, invadiu a Bélgica e a Holanda, vencendo ambas, e encurralando enorme exército anglo-francês no nordeste da França. Parece o caminho da vitória final, que bem merece o germânico, diante das injustiças que tem sofrido.

Todos os governos são pecadores. No concerto mundial, nos últimos decênios, as maiores faltas foram praticadas pelos anglo-franceses, merecendo, pois um chega. Opõe-se-lhes os alemães, mais fracos, mais antipáticos, porém os mais perseguidos.

As aparências e a hipocrisia de seus adversários roubam-lhes o apoio da maioria do mundo anglo-saxônico e latino, porém o exame mais profundo e imparcial das lutas políticas que antecedem as duas grandes guerras nos conduz claramente para o seu lado. Se erro assim pensando, o próprio futuro será mais incômodo, acerto no presente pelo menos.

Estar com os aliados é persistir em outro erro, velho erro, sem nenhum interregno de justiça.

O futuro mostrou-lhe uma realidade diferente, mas sua posição política foi sempre comprometida com o conservadorismo.

Cabe ao chefe da família prover pelo conforto, segurança, alimentação, saúde, e em contrapartida ser uma autoridade inquestionável.

Os genros e noras que vêm somar-se ao núcleo inicial são, de certa forma, incluídos na dinâmica do grupo, dinâmica de controle, interferência que será extensiva aos netos.

À tardinha toda família reuniu-se em casa para uma ceia – os cinco filhos casados, quatro netos, Helena e nós, os velhos [ele aos 57 anos e ela, 54 anos!], 17 pessoas. Grande prazer.

Na verdade esta harmonia familiar está submetida aos imponderáveis das paixões, das quais nem ele mesmo conseguirá escapar, apesar de sua capa de velhice prematura.

Ele se coloca no centro dos acontecimentos, funcionando ou procurando funcionar como um oráculo, que deveria ser seguido de forma inquestionável, pois estaria sempre buscando *o melhor* para cada um.

A intenção do diário foi registrar, testemunhar a sua visão sobre os acontecimentos ligados à sua família.

No final de sua permanência nos Estados Unidos (1900-1903) ele, que havia feito um diário bastante resumido, resolve fazer um balanço do período e justifica a decisão de fazê-lo.

Aug.11 1903 – Surely it is time to resume these last reminiscences. How I account for these begone hours in subsequent days when the mind is bent on retrospective rather than foreseeing. I have that day to come plainly, before me when perhaps surrounded by living children these pages will call for interest! May honor and contentment be then my share! May those very children be my old life, my dearest heart pulsation!

Early in the morning I trolled over to Lenox and my trip was as usual sweet with birdsongs and playfulness of the erratic squirrels. That golden green of sun and foliage how beautiful–thoughts evade me–I see but nature. That cat across the Park shall ever be a memorable one in my memory, may a day come will I walk over it in sweet recollections*.

* Certamente é tempo de resumir estas últimas reminiscências. Como eu contei essas horas, em dias subsequentes, quando a mente está ocupada em retrospectivas, mais do que em previsões. Eu espero que esse dia chegue pleno, diante de mim, talvez cercado por crianças, quando essas páginas poderão interessar. Que a honra e a alegria sejam então compartilhados! Que essas

Esta página do diário foi escrita no final de um período de grandes transformações em sua vida profissional e descobertas oferecidas pela possibilidade de uma vida cultural intensa. É marcada também pela solidão e carência afetiva.

O diário é visto como uma forma de registro dessas emoções contidas, na esperança de perpetuá-las para seus descendentes (*living children*). São revelações de um jovem com apenas 20 anos, que havia passado uma longa temporada solitário e que começava o caminho de volta à sua terra natal.

Há sempre um tom de seriedade, um compromisso com a verdade. Mas qual o significado dessa verdade? Esta escrita na primeira pessoa do singular busca um efeito de verdade. O dono do diário ao assumir sua autoria revela a intenção de desvendar a sua intimidade.

A grande questão é perceber que o autor se confunde com o personagem criado e que o seu relato não é apenas a descrição dos acontecimentos, mas a sua edição dos mesmos.

Se o texto é uma representação do autor, em busca de materializar uma identidade que quer consolidar; o autor é uma invenção do próprio texto.

Por suas características a escrita de si deve ser vista com algumas precauções: a primeira delas é o da ilusão biográfica que pode levar a um eu contínuo e coerente pelo efeito de verdade que é capaz de produzir.

Cartas como diários, memórias e outras formas de escrita de si aproximam, sendo discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, mas não podem, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas (Gomes, 2004)¹⁸.

O risco seria acreditar no que diz a fonte como se fosse uma expressão do que *verdadeiramente* aconteceu.

O segundo ponto destacado por Ângela de Castro Gomes é o da relação do texto com seu autor. O texto pode ser visto como representação do autor ou o autor é uma invenção do próprio texto? Ela defende que a escrita de si é ao

crianças possam ser, na minha velhice, a minha mais querida pulsação do coração! (tradução da autora).

De manhã cedo passei pela rua Lenox e meu trajeto foi, como sempre, agradável, com o canto dos passarinhos e as brincadeiras dos esquilos errantes. O gramado dourado pelo sol e a folhagem, tão lindo – pensamentos me abandonaram – e eu só notei a natureza. Aquele gato que atravessou o parque será sempre memorável em minha lembrança. Que possa chegar o dia em que andarei por esse parque novamente em minhas doces recordações (tradução da autora).

¹⁸ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*.

mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de *produção do eu*¹⁹.

A este conceito agrega-se a idéia de que os autores foram mais editores que autores propriamente ditos. Ordenaram os acontecimentos fragmentados do dia-a-dia, organizaram-nos em suportes adequados, embora muitas vezes de formas variadas, editaram-nos e prepararam-nos para serem lidos, exercendo sobre eles censura que pode ser expressa em silêncio ou em desaparecimento de partes ou períodos julgados inadequados ou inconvenientes.

O terceiro ponto a ser visto na escrita de si é o do distanciamento entre o sujeito que escreve – autor/editor – e o sujeito da narrativa – o personagem do texto.

Essa ambigüidade pode ser mais esclarecida quando se tem em mente que a escrita de si é uma das práticas culturais que integram um conjunto de novas relações íntimas próprio à sociedade moderna que consagrou o individualismo.

A sua verdade/sinceridade é deixada por Joaquim de Sampaio Ferraz para filhos e netos como um patrimônio, uma prestação de contas, uma justificação de suas atitudes e seus atos.

Nessa vida de intimidade da família o diário representa um balanço dos acontecimentos, um retrato retocado de um cotidiano plural.

Na verdade o diário não pode ser visto como uma obra monolítica, feita e acabada ao longo de 64 anos, mas sim como diários de diversas épocas, escritos com motivações bastante diferenciadas.

O trabalho que desenvolvemos unificou este conjunto muitas vezes descontínuo, fragmentado, transformando os diários no Diário de Joaquim de Sampaio Ferraz.

Aos 20 anos, o autor faz seu diário de confidente. É através dele que drena sua angústia, sua solidão, sua perplexidade diante da vida. A emoção não foi ainda subjugada; a censura aparece apenas em algumas frases riscadas, talvez até posteriormente.

¹⁹ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 16.

Friday-28-1902-Nov.

My anniversary 20 years old! How much time wasted twenty years of nothingness!

This day so revered by all persons that is when often own anniversary was to me of indigent qualities. My fortune was reduced at 4 o'clock today to the sordid importance of 10 cents! Never have been in such memorable predicament. (...) I think it would be difficult for me to forget it!*

Ou ainda se referindo à cidade de Chicago, no dia 12 de dezembro de 1902.

Now, oh the diary open thy ears and hear the lamentations or rather the execration about Chicago! This is only a item- I am to talk of the wind of Chicago! If I have *restrained* myself till today, if I have not gone *stack* crazy with the dammed cyclonic freezes (...) it is because I want to see my country and people and wish to reserve some *phraseology* to express my delights. Just this is enough: Chicago's wind should be figured in Dante's Hell**.

Toda solidão e perplexidade diante da vida estão aí retratadas. O diário é o confidente, mas não é só o diário que muda de função ao longo da vida, o autor vai construindo seu personagem que amadurece, se desilude, entristece.

O rapaz romântico dá lugar ao homem sério, chefe de família centralizador. Alguns valores, contudo são mantidos e atravessam a leitura do diário.

I have had a keen interest in religions matters, and I do not think I need fear my future place if I follow my conscience, intellect and keep the ethical ideal ever before my view. I only regret I was born so weak of intellect-Oh, that I had a proportionate scope of intelligence as I have of desire and ambition I would master manythings and waste little time during my existence!*

* Meu aniversário de vinte anos! Quanto tempo perdido em vinte anos vazios! Este dia tão reverenciado por todas as pessoas em seu próprio aniversário foi para mim sem qualidades. Às quatro horas de hoje meus recursos foram reduzidos à sórdida importância de 10 centavos. Nunca passei um aperto tão memorável. Vai ser difícil esquecer! (tradução da autora). Esta página do diário explica sua atitude ao longo da vida comemorando e valorizando a presença da família e dos amigos na sua data natalícia.

** Agora, o diário abre uma escuta para as lamentações, ou melhor, as execrações sobre Chicago! Esse é o único item – estou falando do vento de Chicago! Se eu controlei a mim mesmo até hoje, se eu não enlouqueci até agora com os ventos gelados, é porque eu ainda quero ver meu país e minha gente e pretendo reservar alguns adjetivos para expressar o meu deleite. Por enquanto, só isso basta: o vento de Chicago poderia figurar no Inferno de Dante (tradução da autora).

* Eu tenho tido grande interesse em assuntos de religião, e não acho que preciso temer meu lugar futuro se eu seguir minha consciência, intelecto e seguir o ideal ético diante de mim. Eu só me arrependo de ter nascido tão fraco intelectualmente – Oh, se eu tivesse um intelecto proporcional ao meu desejo e ambição eu poderia gerenciar muitas coisas e não perder o pouco tempo da minha existência (tradução da autora).

Este texto de 30 de dezembro de 1902, e selecionado em lápis vermelho posteriormente, expressa os valores éticos essenciais deste jovem personagem e que serão mantidos ao longo da vida do autor.

2.4

O processo de individualização

A valorização dada nas últimas décadas a este tipo de documento, inicialmente tratado como fonte, posteriormente visto como fonte privilegiada e atualmente considerado como objeto de estudo, deveu-se ao processo de individualização ocorrido na sociedade moderna.

Inicialmente foram valorizados os diários de autores literários, considerados pela sua qualidade, estilo, mais que pelas informações. Posteriormente surgiu o interesse pelos diários e demais formas de arquivo dos cidadãos políticos, e finalmente houve o reconhecimento e valorização do indivíduo-comum, em sua singularidade.

Ângela de Castro Gomes (2004) considera que a história cultural “tem se dedicado a recortar os temas das práticas da leitura e da escrita, bem como a dar especial atenção à questão de gênero”.

A contribuição que cada diário poderá trazer para a pesquisa histórica não depende apenas do que contém; mas principalmente do que pode ser dito a respeito.

A escrita de si pode ser entendida a partir da relação estabelecida pelo indivíduo moderno e seus documentos, documentos esses utilizados no esforço da construção de uma memória de si.

As práticas de construção de uma memória de si englobam autobiografias e diários, mas incluem documentos, retratos e objetos pessoais que materializam a trajetória do indivíduo.

A importância que se revestem estas práticas está na constatação de que elas expressam a emergência histórica do indivíduo, o homem comum, nas sociedades ocidentais.

A idéia de indivíduo está vinculada à profunda transformação ocorrida nas sociedades chamadas tradicionais para as sociedades modernas. A tradição deixa

de se sobrepôr ao indivíduo, que consegue ganhar um espaço singular dentro do todo.

Os indivíduos modernos fazem a escrita de si com múltiplas intenções: como forma de autoconhecimento, catarse, como uma forma de comunicação consigo mesmos e até com os outros.

A prática de escrever diários, cartas, escritas autobiográficas não é recente, mas ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno.

O sentimento de identidade individual acentua-se e difunde-se ao longo de todo o século XIX. A história do sistema de denominação fornece o primeiro indício. Os prenomes que tradicionalmente passavam de pai para filho ou homenageavam avô ou padrinho, podendo ainda estar associados aos santos da Igreja Católica, passavam a ganhar maior liberdade e maior gama para sua escolha. É o que Alain Corbin denomina a originalidade da denominação ou *um nome para si*, e acrescenta:

O enfraquecimento das regras de transmissão familiar traduz o definhamento das virtudes hereditárias e ao mesmo tempo vaticinadoras do prenome. A perda da fé na existência de um patrimônio de caráter transmitido pela denominação evidentemente trabalha a favor do individualismo²⁰.

A circulação do correio durante a segunda metade do século XIX, acentuada no início do século XX, contribui para a construção dos símbolos do eu e sinais de identificação pessoal. Contribui também para a popularização do uso da correspondência, que ganha canais facilitadores para circular. As relações interpessoais, sobretudo entre os homens, ganham uma dimensão escrita que só faz se avolumar. São cartas de muitas naturezas: oficiais, particulares de caráter amistoso ou amoroso, cartas sigilosas, cartas reservadas, cartas noticiosas, cartas saudosas.

Há uma popularização do uso dos cartões de visita, as famosas *cartes de visites* com fotos variadas, e no uso de agenda pessoal. Os autores de diário, escritores compulsivos, produziram correspondência volumosa, da qual fazem referências seguidamente em seus diários.

Estas correspondências algumas vezes podem trazer referências a anotações feitas a fatos ocorridos e que foram registrados no diário.

²⁰ CORBIN, A., *O segredo do indivíduo*. In: SCHWARCZ, L. M., *A história da vida privada no Brasil*, v. 4, p. 430.

O uso do espelho, não mais restrito aos palácios e moradias dos burgueses ricos, mas como acessório indispensável e presente em qualquer moradia, fez com que aumentasse a preocupação com a auto-imagem.

A democratização do uso da fotografia possibilitou e estimulou o hábito do retrato posado, individual ou em grupo (de profissionais, de amigos, em família, em eventos especiais, de recordação), mais um passo decisivo no processo de individualização. Pela primeira vez a fixação da pose e o consumo em série da própria imagem estão ao alcance do homem comum. Segundo Alain Corbin (1991), “ascender à representação e posse da sua própria imagem é algo que instiga o sentimento de auto-estima, que democratiza o desejo do atestado social”.

O retrato faz parte do quadro de ações que reforçam o processo de individualização, é uma forma de demonstrar a existência do retratado, registrar sua lembrança além de complementar a sua identificação como cidadão (figura 3).

O diário de Sampaio Ferraz registra uma das suas primeiras providências ao se instalar em Chicago em 1901: fazer retratos no Johnson’s Studio – 193 Adam Street.

Em muitas outras ocasiões fez retratos seus e do grupo familiar. Possuía grande número deles, datados e identificados, que sempre foram muito valorizadas por ele.

O mais antigo preservado foi tirado na casa dos sogros onde ele aparece com a mulher, a sogra, Dona Lulu, e três filhos: Helena, Heloisa e Alberto (figura 4). Foi tirada em 17 de agosto de 1912, quando já tinham tido mais duas filhas, Maria Luiza, falecida em janeiro de 1911 com pouco mais de um ano, e Haydée, então com 10 meses (tinha nascido em 19 de outubro de 1911 – figura 5). O fotógrafo chamado na residência da família foi A. Soucasaux.

N.º do Protocolo 40934 Reg.º 1.º de 1912

GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO E DE ESTATÍSTICA

CARTEIRA DE IDENTIDADE

Atesto de accordo com o § 3.º do art. 5.º do Regulamento que baixou com o Decreto n.º 12193 de 6 de Setembro de 1916 que a presente carteira de identidade pertence ao cidadão brasileiro:

Nome *Augusto de Souza Gurgel*
 Filiação *Neto de J. Gurgel*
 Nacionalidade *Brasileira*
 Casado em *17 de Junho de 18*
 Estado civil *Casado*
 Instrução *2.ª*
 Profissão *funcionario publico*
 Estatista n.º *11.001.01*

Da cor *branca*
 Dos cabelos *castanhos*
 Dos olhos *castanhos*
 Da nariz *proporcional*
 Dos outros *castanhos*
 Observações

Distrito Federal, em 19 de Junho de 1912

João de Deus Gurgel
 secretario de Legação

Augusto de Souza Gurgel
 Elemento

PRIMEIRA DIVISÃO DE CENSAMENTO PRIMEIRA DIVISÃO DE IM

Figura 3 – carteira de identidade



Figura 4 - Retrato da família tirado em 17 de agosto de 1912



Figura 5 Retrato de Haydée com 10 meses



Figura 6

Figura 7

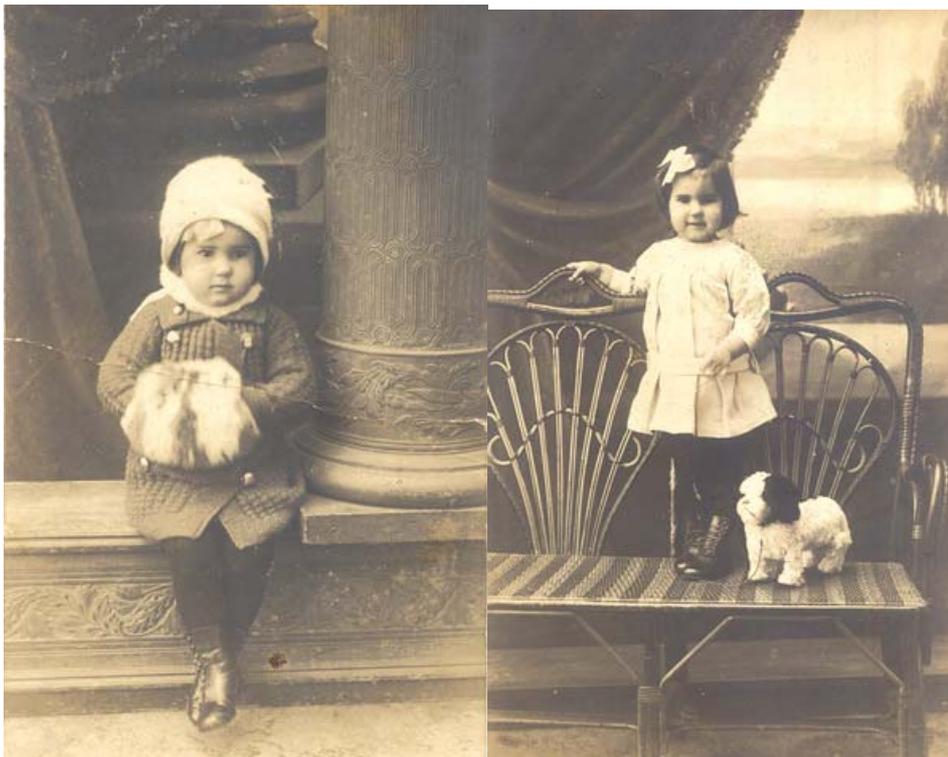


Figura 8

Figura 9

A prolongada permanência em Bruxelas (1913-1914) favoreceu a encomenda de ensaios fotográficos de Haydée pelo seu segundo aniversário. São quatro fotos feitas no dia 17 de outubro no Photo Compagnie Belge, tipo cartões de visita. São tiradas com roupas de inverno e uma delas com o bichinho de estimação, o cachorrinho de pelúcia, um tipo de brinquedo que começava a se popularizar na Europa (figuras 6, 7, 8 e 9).



Figura 10 – sua esposa Luluzinha é retratada pelo fotógrafo de arte R. Marchand, 11 rue Neuve.



Figura 11 – Nathalia de Freitas com 21 anos.
Bruxelles 11/4/1914

Até a ama das crianças, Natalia de Freitas, aproveita para tirar uma foto sua na foto Viennoise, 138 Chaussée de Wavre (figura 11). Faz então uma dedicatória "Para a Haydée quando estiver com 15 anos".

Aos sessenta anos, Joaquim de Sampaio Ferraz posou de terno e gravata e deu cópias para todos os filhos para que as mantivessem em suas casas como um retrato oficial do chefe de família.

Os registros civis, mais do que os religiosos, as cédulas de identificação, os procedimentos de reconhecimento, vão construindo um tempo pessoal, a elaboração de uma história individual. Segundo Alain Corbin:

O movimento de individualização que anima o século culmina, ao passo que o neokantianismo inspira os dirigentes e que Pasteur impõe a existência do micróbio, perturbador do organismo; este modelo biológico, aplicado ao campo social, estabelece que o controle do indivíduo é essencial à sobrevivência do grupo.

Ao mesmo tempo, o temor da violação do eu e seu segredo engendra o fantástico desejo de decifrar a personalidade que se oculta e intrometer-se na intimidade dos outros...

Joaquim de Sampaio Ferraz viveu agudamente todo este processo de individualização, carregava o nome de seu avô paterno, tinha na figura do pai um modelo de caráter a ser seguido; fazia um esforço de se diferenciar e se afirmar em um mundo em profunda transformação.

Teve uma formação laica marcada pelo racionalismo e pela cientificidade. Procurou uma carreira calcada na modernidade: curso técnico de engenharia civil em Bristol (Inglaterra), estágio em eletricidade em Chicago.

A leitura exerceu grande fascínio sobre ele e desde jovem referia-se às bibliotecas públicas como lugares privilegiados: “There is no place in this world that gives me more intense enjoy comfort than a Library. I leave the books with regret and if it were not the beauties of my walk towards home, I would suffer exceedingly”^{*}; e sempre como ato indispensável: “I devore and devore the contents of some biography or any other book of whatever description”^{*}.

As leituras contemplam autores clássicos como Molière, Shakespeare e Dante, e contemporâneos, como é o caso de “The Essay of Huxley on agnosticism has aroused my spirits and I mean to make a life study of it following the greatest authority so as not to be missed”^{**}.

Iniciou sua vida profissional na construção do porto do Rio de Janeiro (1904-1907) e depois do de Belém do Pará (1907-1908). Mas foi o estudo do tempo que o despertou para uma especialização na qual mergulharia por toda vida: a meteorologia.

Desde o início o diário representou uma forma de perpetuar suas idéias e seu projeto de vida. Numa sociedade individualista como a sociedade moderna ocidental, a memória do indivíduo passa a ser muito valorizada como forma de organizar e dar sentido a sua trajetória. A noção de projeto desenvolvida por Alfred Schutz e apropriada por Gilberto Velho é bastante importante para ajudar a revelar a intenção desse indivíduo cuja preocupação com a construção da memória norteou a vida. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo,

* Não existe nenhum lugar no mundo que me dê maior alegria que uma biblioteca. Eu deixo os livros com pena e se não fossem as belezas no meu caminho de volta para casa, eu sofreria ainda mais.

(tradução da autora). Diário de 17 de julho de 1903, escrito em New York.

* (tradução da autora). Diário de 17 de julho de 1903, escrito em New York. Eu devoro e devoro o conteúdo de algumas biografias ou qualquer outro livro descritivo.

** (tradução da autora). Diário de 30 de dezembro de 1902. O ensaio de Huxley sobre agnosticismo despertou meu espírito e eu desejo dedicar-me, ao longo da vida, seguindo as grandes autoridades que não devem ser esquecidas.

suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória (VELHO, 1994, p. 101).

A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços. O diário apesar de ser elaborado também de forma descontínua, expressa a idéia de projeto. Segundo Gilberto Velho²¹, por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do outro. É uma forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo.

Com o passar da vida vai se transformando num homem angustiado com as perplexidades do seu tempo.

As mais de seis mil páginas oferecem a possibilidade de se perceber o fluxo do tempo, a mudança dos objetos de interesse, a evolução das relações, o fluir dos acontecimentos, numa narrativa fracionada, por sua própria dinâmica, mas que reflete organização e disciplina.

Dos 32 volumes do diário, sobraram 28, devidamente numerados, escritos em suportes diferentes; primeiro em cadernos pautados que poderiam conter vários anos, uma vez que não eram feitos com rigidez nem na forma nem na frequência. Mais tarde o diário foi feito em cadernos especialmente comprados para esse fim, como fica evidenciado no diário dos anos 1912 e 1913, escrito na França e principalmente durante a permanência na Bélgica. O caderno comprado no Rio, na *Fabrica de Livros de Escripção LEUZINGER* (rua do Ouvidor 89), atesta a preocupação do autor em prevenir-se antes da partida. Nas últimas duas décadas utilizou agendas encadernadas, fornecidas pela Barnett International Forwarders Inc. A partir da adoção das agendas passa a usar cada dia em sua data e aumenta o volume das informações nelas contidas.

²¹ VELHO, G., *Projeto e metamorfose*, p. 100.



Figura 12 – conjunto dos diários fotografados em 31/12/2004

A caligrafia também vai mudando, embora sempre muito firme, bem desenhada e bastante regular. Escreve sempre com caneta tinteiro azul ou preto e grifa e anota em lápis vermelho (figura 12).

O modelo do diário de Joaquim de Sampaio Ferraz difere do modelo descrito por Béatrice Didier (1991), segundo o qual o diário íntimo se caracteriza pelo fracionamento, pelo descontínuo e pela ausência de elaboração. A escrita do diário, segundo a autora, rejeitaria toda a organização e se apresentaria como a escrita do efêmero.

No diário estudado o tom da escrita é cuidado, em certos momentos até solene, há sempre o zelo na certeza de uma leitura posterior, embora o fracionamento e o descontínuo estejam sempre presentes.

Escrever o diário é sempre a última atividade do dia, é um exercício de reflexão dos acontecimentos, é uma seleção de assuntos ou sentimentos que merecem ser registrados.

O local escolhido para esse exercício cotidiano, a partir de 1931, é o escritório particular, no segundo andar da casa da Rua Alberto de Campos, ao lado de seu quarto de dormir. Ali, ele escrevia e guardava o diário, ali também ele recortava os jornais que alimentariam sua hemeroteca que ocupava parte do escritório externo, construído ainda na década de 30 sobre a garagem.

Nas horas silenciosas da noite, quando a casa já se aquietou, cabe o registro do que aconteceu ou ainda seus prognósticos sobre o que ainda não aconteceu. Cabe falar e cabe silenciar sobre fatos e pessoas, sobre feitos e frustrações.

Espaço de experiência e horizonte de expectativas se encontram, o élan da vida, o anseio de realizações vai sendo tragado pelas dificuldades, decepções, e gradualmente a rotina e o silêncio do desalento parecem tomar o lugar.

O silêncio e a angústia, os sintomas de doenças que afetam o corpo e, sobretudo, uma visão precoce da velhice, um referir-se como velho desde os sessenta anos. Os hábitos, embora rotineiros, desmentiam a pretensa condição do *indivíduo-sujeito*, pois que continuava trabalhando, fazendo exercício físico, viajando. O autor, contudo, insistia em descrever seu personagem como um ancião.

2.5 Um diário masculino

O que leva a caracterizar o diário como um diário masculino não é apenas o fato de seu autor ser um homem, um profissional liberal, um pai de família, mas o seu desempenho como *indivíduo-sujeito*, o seu olhar e sua inserção no mundo. Há particularidades na escolha dos enfoques e nas representações das relações de poder.

Nos anos 1980, a historiadora Joan Scott reforçou os “estudos de gênero” com a introdução de importantes reflexões e pressupostos teóricos, que reformularam radicalmente o conceito, agora entendido como uma categoria de análise histórica capaz de revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações históricas e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens. Ao dar essa ênfase, Scott aproximou-se da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder²².

A leitura dos diários mostra a vida de um homem solitário, angustiado, atravessando a existência numa busca contínua de dar testemunho de valores, de se exigir uma conduta ética rigorosa, cujo paradigma era a figura paterna.

O imenso trauma do filho diante da morte repentina do pai, então com 63 anos, faz com que ele deixe registrado:

Meus filhos, ao lerem estas notas sobre a morte de seu avô, lembrem-se que o seu pai muito sentiu a perda do seu progenitor e do amigo ambos exemplares. O seu avô foi um íntegro, um raríssimo caráter, e um pai extremoso. Imite o seu exemplo. Como político, lerão na história de seus feitos e de sua inatacável honestidade²³.

Outra vez há a identificação clara da intenção de ser lido e de sua postura em relação ao diário, com o qual não possui nenhuma intimidade. Usa um tom solene bastante diferente da escrita descuidada que se poderia esperar deste exercício diário da escrita de si. Um exemplo flagrante desse modo de ser é o tratamento dado ao maior amigo e único companheiro no período em que vive em

²² POSSAS, L. M.V.P, *Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado*. In: GOMES, A. C. G., *Escrita de si, escrita da história*, p. 265.

²³ Diário do dia 4 de março de 1920.

Chicago e ao qual se refere sempre como o Dr. Leme. Tinham ambos então cerca de vinte anos. Aqui, como em tantos outros momentos, o personagem parece ganhar na disputa com o autor.

É importante perceber na vida deste homem qual o papel reservado à esposa e aos filhos. Fica clara a dependência de todos à sua vontade, aos seus interesses profissionais e às suas conveniências de saúde.

Não se pensa na melhor oportunidade para viajar ou para mudar de casa ou de cidade; o colégio dos filhos, as condições de vida domésticas estão atreladas à sua vontade e decisões.

Nos momentos de dor fica evidenciada a sua dificuldade em ver o outro, há apenas o registro de sua dor:

Às 8:30 desci para o banho e encontro Maria Luiza no colo de Celeste (empregada da casa), mas, coitadinha, com uma carinha angustiada, com uma fisionomia de cortar o coração – Ah quanto eu sofri vendo-a assim – Ainda lutei para convencer a mim mesmo que não era nada este abatimento e aprontei-me para ir ao Observatório. Quando fui lhe dizer adeus – reparei outra vez no seu rostinho, mas tal impressão tive que agarrei-a ao meu colo e chorei as primeiras lágrimas. Já previa a gravidade do caso. Coitadinha de minha Candonga que olhar era o seu! Oh como eram tristes seus olhos!

O Sr Guimarães tinha ficado de mandar procurar o Magalhães*. Eu mandei chamar o Dr Pinto Portella e Alcides que veio antes de todos. Com ele demos dois banhos na nenê, parecendo melhorar alguma coisa. O Dr Salles Guerra chegou e pediu logo óleo canforado 25% para dar uma injeção – vim, a saber, que ele desde o principio achava o estado da criança desesperador. Ele já tinha tentado muitos recursos quando chega o Dr. Pinto Portella. Este estava de acordo com o Dr. Salles Guerra e ambos continuavam com o meu auxílio e de Alcides, a tentarem tudo pelo anjinho. Tudo foi debalde as 12:45 morria a minha loura Candonga.

Maria Luiza morreu de uma fulminante infecção intestinal (coli-bacilose) que ataca os centros nervosos. Estava com ela durante o struggle: Valentina, eu, Alcides, Celeste e os dois médicos... Fui o único que lhe veei o corpo (isto é não mencionando Clara, Celeste, Isaura e os criados)²⁴.

Tanto no momento da morte, que ele denomina struggle, num sentido bastante darwiniano (que traduzindo significa luta, combate), quanto do enterro, como costume da época, só participam os homens. “O enterro foi às 10:20. Acompanharam Pacheco nosso visinho Dr. Mourão, Moreira, o Silva, todos do

* Referia-se ao médico Fernando Magalhães, quem por muitas vezes atendeu à família.

²⁴ Diário de 13 de janeiro de 1911.

escritório do Sr. Guimarães, Alfredo, Papai, Alcides, Sr Guimarães e eu” *. Pelos códigos de bom tom as mulheres não compareciam aos enterros, mesmo em se tratando de uma criança pequena.

A mãe da menina não é sequer mencionada, sua dor não é descrita, sua presença ou ausência não é valorizada. Luluzinha tinha então 25 anos e já havia dado à luz três outras crianças; ficaria grávida pela quinta vez no mês seguinte, para ter uma menina em outubro do mesmo ano de 1911. Esta jovem mulher parece fora do cenário da tragédia doméstica.

Ele, no entanto, está em pleno desempenho de seu papel de chefe da família, tudo atende. Registra seu interesse num diagnóstico preciso, e a presença de dois médicos e haveria mais um Dr. Fernando Magalhães, se este tivesse chegado a tempo. O costume de chamar médicos, de fazer juntas médicas ou de comparar diagnósticos foi sempre uma atitude muito própria, apesar das dificuldades financeiras. O autor analisa os sintomas, seus ou de seus familiares, opina sobre o uso dos medicamentos, aprovando-os ou não²⁵.

Registra também o pai amoroso tomado pela dor de perder uma criança de apenas dois anos. Sobre a repercussão na vida do casal fica o silêncio e a imensa solidão em que está mergulhado.

* Ficam patentes os laços de solidariedade tecidos a partir da família de sua mulher. O casal morava com os filhos, na casa do Sr. Guimarães (seu sogro). O Alcides e o Alfredo são irmãos e Valentina cunhada do Sr. Guimarães, tios de sua mulher, Luluzinha. Os demais trabalhavam no escritório do sogro.

²⁵ No *Diário Íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, encontramos descrições minuciosas sobre doenças e tratamentos. Exemplo: p. 135-177, em que descreve tratamento e dieta. Também Celso Castro, no *Diário de Bernardina*, chama atenção para a recorrência do registro de doenças e mal-estares de membros da família.